



QUE PAÍS QUEREMOS?

José Américo Miranda¹

Não se morre enquanto se tem algo a dizer, acredito. Por isso, à medida que a idade vem chegando, é bom que se diga logo o essencial, o que é necessário, para que ela, a indesejada das gentes, quando chegar, encontre “lavrado o campo, a casa limpa, a mesa posta, com cada coisa em seu lugar.”²

As pessoas da minha geração, que assistiram ao golpe de Estado de 1964 (eu tinha 13 anos na ocasião), e viram a opressão, o medo, os partidos políticos suprimidos e substituídos arbitrariamente por outros, as eleições canceladas ou viciadas pelas regras do sistema imposto, pessoas sendo presas, obrigadas a se exilar, torturadas ou mortas; as pessoas da minha geração, que assistiram ao lento renascer da democracia, que viram e/ou participaram da malfadada campanha das “diretas já”, que viram surgir de bases sociais o único partido político que nasceu assim na História do Brasil, que viram ser eleito presidente da república um representante legítimo dos trabalhadores brasileiros, que viram a primeira mulher ser eleita presidenta da república, que viram o Brasil dar um salto qualitativo na vida de seu povo e em sua posição perante as outras nações; as pessoas da minha geração não terão a chance de ver o fim do processo de retorno aos padrões coloniais da vida social brasileira posto em andamento pelo golpe de Estado de 2016 - e muito menos terão chance de ver o país retomar o caminho da democracia plena, da vigência dos direitos humanos mais fundamentais, da justiça social, da distribuição de renda, da erradicação definitiva da fome dentro de nossas fronteiras (e, talvez, do planeta - parece que país estava prestes a exportar essa ideia quando a elite brasileira levantou a espada do golpe e... zás! cortou - metaforicamente, mas cortou - a cabeça da presidenta Dilma Rousseff).

Foi preciso dizer isso, para que ganhe algum sentido, alguma coerência, o que vem a seguir. Corre aqui um rio de lembranças, e não tenho vocação para a futurologia. Mas seria bom que os mais jovens pusessem a mão na consciência, pensassem por si mesmos, e não tivessem, depois de passados dos 65 anos de idade, de fazer um texto triste como este - feito de reminiscências, mas também de desejos e de esperanças de

¹ Professor aposentado de Literatura Brasileira da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: bmaj@uol.com.br

² BANDEIRA, 1970, p. 221. Estrutura versificada desfeita pelo autor deste artigo.

um futuro melhor; como escreveu Machado de Assis (1976, p. 204-205), esses “dois horizontes fecham nossa vida.”

Lembro-me dos meus quatorze ou quinze anos, época em que, para minha felicidade, tive em mãos um texto de Bertolt Brecht. Não me lembro que texto era, mas ficou-me para sempre (essa expressão não serve, pois nada é “para sempre” - vai substituída por outra) até hoje no espírito a ideia que nele havia: foi como a marca que o ferro incandescente deixa no couro dos animais. Dizia o poeta no texto - não me lembro se em versos, se em prosa - que desde a juventude (lá dele) tomara o partido dos mais fracos, dos oprimidos, dos pisados pelos poderosos. Aquilo soou como uma evidência que dispensava demonstração - decidi imediata e resolutamente tomar para mim aquela ideia, segui-lo naquela opção.

Fui um menino pobre, mas não desamparado. Não tinha dinheiro para comprar livros. Entre os quatro primeiros que comprei na minha vida estava o *Teatro dialético*, de Bertolt Brecht. Custou-me um cruzeiro (acho que era essa a moeda da época), na liquidação terminal da Livraria Civilização Brasileira, situada na Av. Afonso Pena, em Belo Horizonte. Tenho esse livro até hoje; cheguei a fazer uma pausa aqui, para folheá-lo, em busca do texto que mencionei. Não o encontrei, mas o espírito dele está lá. Pode até ser que o próprio texto esteja lá - passei pelo livro muito rapidamente.

Um outro texto que ajudou na minha formação e do qual também não me lembro exatamente é de Clarice Lispector. Acho que foi lido em jornal, no JB que meu pai, lá dos confins de Minas Gerais, assinava. Só me lembro que nele, a propósito de alguma questão social, havia a expressão “senso íntimo de justiça”. Nunca mais me esqueci: foi a outra marca de ferro em brasa que recebi. Reconheci que havia qualquer coisa em mim a que poderia, sim, chamar de “senso íntimo de justiça”. E devo isso a ela, logo ela, tão prisioneira de si (como eu, aliás).

Essas duas coisas se ligaram na minha mente: foi meu “senso íntimo de justiça” que me pôs do lado dos que têm fome, dos que não têm moradia, dos que não têm trabalho, dos desvalidos e dos oprimidos.

E eu me escandalizo quando vejo pessoas que ascenderam socialmente, ou mesmo pessoas que não tiveram essa sorte, abraçarem e defenderem as ideias dos poderosos, dos ricos, dos patrões, da classe dominante, dos opressores em geral. Eu me escandalizo quando vejo supostos intelectuais e até mesmo políticos que lutaram contra o golpe de 1964 apoiarem o golpe de 2016. Eu me escandalizo quando vejo pessoas que conviveram comigo, que se formaram comigo, que leram as mesmas coisas que eu li, que estudaram comigo, e hoje têm posições que não coincidem com as minhas. E eu me escandalizo mais ainda, com mágoa, quando vejo pessoas que me ajudaram a ser o que sou, que me ensinaram muito do que sei, apoiarem o golpe de 2016, sem perceber que

a ruptura da ordem institucional é o que de pior pode acontecer a um país. Mas a elas não interessa o país: elas só se interessam por si mesmas e pelos de sua classe social! Elas creem que podem ser felizes sozinhas! Para mim, isso é um escândalo! é uma pedra no meio do caminho!

Das ideias aprendidas nos textos, passo às ideias aprendidas com as pessoas. Como já disse, eu fui um menino pobre, mas tive a sorte de estudar no Colégio Estadual Central, de Belo Horizonte, onde aprendi a mudar de lugar em pensamento - ainda que o não mude concretamente, fisicamente, socialmente. Lá tive os melhores professores que havia na época - não vou nomeá-los para não cometer injustiça com os eventualmente esquecidos (a memória já não anda muito boa). Lá tive os melhores colegas e fiz os maiores amigos possíveis naquele tempo.

Toda a minha geração, pelo menos entre os meus conhecidos, tomou horror ao poder e deu-lhe as costas. Eu mesmo fui um desses. Tolerávamos a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição, porque não podíamos, sozinhos, dinamitar a ilha de Manhattan.³

Agora, passados mais de quarenta anos, houve ideias de reencontro, de matar as saudades daquele tempo. Outros tantos escândalos! que agora me atingiam com mais força. Entre os meus antigos colegas, que me apresentaram à *Geografia da fome*, de Josué de Castro (lembro-me muito bem da aula em que uma de minhas colegas nos apresentou essa obra), que diziam ter aprendido coisas importantíssimas e vitais com os professores de História, de Língua Portuguesa e de Literatura, o que encontrei passados todos esses anos? Encontrei pessoas que não conseguem fazer relação entre partidos políticos e forças sociais, que não admitem um presidente da república que não tenha diploma de curso superior, que abominam os programas sociais dos governos Lula e Dilma Rousseff. Encontrei pessoas que acreditam no PSDB como um partido social democrata. Encontrei pessoas que preferem acreditar na palavra de políticos cínicos e astuciosos, ao invés de olharem elas mesmas para a sociedade que lhes está diante dos olhos. Escândalo!

Afinal, de que lhes serviram as fabulosas aulas de Língua e Literatura? De que adiantaram aquelas aulas de história, de que adiantou estudar a cadeia dos acontecimentos e ver nela “uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés”⁴, como diz o filósofo-poeta? Não era isso o bastante para que nascesse em nós um desejo de mudar o curso das coisas? Escândalo!

³ Tomei emprestados, nessa passagem, estes versos da “Elegia 1938, de Carlos Drummond de ANDRADE, publicados em *Sentimento do mundo* (1940): “Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta distribuição / porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de Manhattan.”

⁴ BENJAMIN, 1986, p. 226.

De que adiantaram as peças de Bertolt Brecht assistidas e lidas, de que adiantaram os filmes que tanto nos faziam pensar, conversar e discutir? Quase todos os meus antigos companheiros se tornaram conformistas. Se depender deles, o país não dá um passo à frente, na direção de uma sociedade mais justa. Escândalo!

Do meu círculo de relações pessoais, passo a círculo mais amplo, passo aos comentaristas de jornais e de televisão. Sempre que há alguma questão importante em discussão, o que consigo perceber é que há pontos cegos (verdadeiros buracos negros), que nunca são apontados - o que consigo perceber é que ninguém toca nos pressupostos dos discursos.

Tomo para exemplo a questão do sistema previdenciário brasileiro. Em todas as discussões que tenho lido, visto, assistido, há pressupostos e pontos cegos suficientes para deixar claro o que há a dizer. Uma das questões mais discutidas e polêmicas é a do déficit previdenciário. Que ele exista ou não exista é o que menos importa aqui. Um dos pontos cegos dessa discussão é este: discute-se o sistema da previdência social sem se discutir - ou pelo menos sem pôr em perspectiva - o país que queremos. Queremos um país cuja contabilidade se fecha como a de uma empresa privada ou queremos um país, se não feliz, pelo menos com as necessidades básicas e vitais dos velhos e dos desvalidos minimamente atendidas? Falo dos velhos e dos desvalidos, porque, com relação aos ricos e socialmente bem situados, não preciso me preocupar.

O pressuposto mais importante na argumentação dos economistas sobre o sistema previdenciário é o de que as pessoas em atividade devem recolher as taxas previdenciárias e que essas contribuições ao sistema devem ser a fonte única dos pagamentos de pensões, aposentadorias, etc. Ora, uma tal ideia não é justa. O sistema da previdência não pode ser tratado como uma empresa privada, cuja contabilidade, ao final de cada ano, tem de ser “fechada”. O pressuposto de que a previdência tem de ser tratada como se fosse empresa privada deve ser exposto e combatido, muito combatido. É um escândalo que os pensadores e intérpretes da sociedade brasileira não ponham o dedo nessa ferida.

O bem estar social é uma obrigação de todos - não apenas dos que estão formalizados no maldito “mercado” de trabalho. É um escândalo que não se veja isso com a clareza necessária.

Se, para que todos os brasileiros (digo: TODOS) tenham assegurado o direito de uma velhice tranquila e de serem assistidos em caso de incapacidade antes da idade da aposentadoria, se para isso for necessário que todos paguem algum imposto (digamos 1% sobre suas rendas brutas) - qual é o problema? Não vejo nenhum. Meu senso íntimo de justiça não vê nisso nada de errado, nada de imoral; pelo contrário, me diz que cabe à sociedade a distribuição de suas riquezas entre aqueles que são diferentes, seja por

natureza, seja por razões sociais. Em nossa sociedade, há diferenças de oportunidades, por razão de nascimento em determinada classe social ou em determinada região do país, há diferenças de oportunidades pela cor da pele, há diferenças pela religião, há diferenças pela opção sexual - e que mais sei eu das diferenças?

Para empresários, para neoliberais em geral, que vivem no egoísmo lá deles, a ideia da equidade é insuportável. Ela não lhes penetra os corações de pedra nem as mentes de aves de rapina.

O individualismo vigente em nossa sociedade faz as pessoas se tornarem cegas para os problemas do outro, fazem delas máquinas de acumulação de bens, que se consolam fazendo caridade, ocasionalmente, ajudando uma ou outra pessoa, na tentativa de salvar a própria alma (no caso dos que acreditam em outra vida, após a morte) ou de convencer-se de que ainda é um ser humano (no caso dos que precisam de um mínimo equilíbrio mental para se julgarem civilizados - mas há quem não precise dessas muletas! há selvagens entre nós!). Escândalo!

Talvez, no fundo, o problema esteja no plano da educação - nos programas educacionais (tão do interesse do presidente Lula!). Talvez caibam às escolas (é claro que escolas sem partido jamais farão isso) o ensino e o convencimento de que a humanidade se compõe na variedade e na diversidade: “Só todos os homens juntos compõem a humanidade; só todas as forças reunidas, o mundo.”⁵

Diante do quadro a que nos referimos, na quadra infeliz em que nos encontramos, só nos resta, a nós, que não viveremos para ver as consequências últimas do golpe de 2016 nem a retomada do caminho da civilização, deixar aqui este lamento - por uma sociedade que não aceita a riqueza das diferenças, que finge tratar como iguais aqueles ela própria faz desiguais.

⁵ GOETHE, 1994, p. 536.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1876.

BANDEIRA, Manuel. Consoada. In: *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970. p. 221.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 222-232.

BRECHT, Bertolt. *Teatro dialético*. Seleção e introdução de Luiz Carlos Maciel. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

GOETHE, Johan Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Ensaio, 1994.



Recebido em 03 de Julho de 2017

Aceito para publicação em 05 de outubro de 2017